

MULHERES ANALISTAS DO COMPORTAMENTO NO BRASIL (PASSADO E PRESENTE)

Fred S. Keller
Universidade da Carolina do Norte — Chapel Hill

RESUMO - O autor descreve parte de sua experiência acadêmica relacionada ao Brasil. Nessa descrição enfatiza a contribuição de várias mulheres brasileiras para o desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil.

BEHAVIOR ANALYST WOMEN IN BRASIL (PAST AND PRESENT)

ABSTRACT - The author describes part of his academic experience related to Brazil. In this description he emphasizes the contribution of various Brazilian women to the development of Behavior Analysis in Brazil.

Quando disse a uma de minhas colegas brasileiras que iria participar, hoje, de um simpósio intitulado "**A história da participação de mulheres na Análise do Comportamento**", ela disse: "Eu não gosto desse título; analistas do comportamento são um grupo de cientistas definidos por suas atividades e pelos produtos dessas atividades, não por sexo". Isso me deu um choque. Comecei a me preocupar com as implicações da **minha** participação neste simpósio. Decidi ser cuidadoso e, talvez, nem mesmo mencionar mulheres - apenas falar sobre as contribuições de pessoas com nomes como Carolina, Maria Amélia, Maria Lúcia, Thereza, Maria Ignez, Nilce, Margarida, Geraldina, Rachel. Provavelmente, a maioria dos analistas do comportamento no Brasil tem nomes como esses.

Há 24 anos atrás, por exemplo, quando minha mulher e eu chegamos ao Aeroporto de Congonhas em São Paulo, fomos recebidos por dois Reitores (um que estava deixando e outro que estava assumindo a Reitoria) e por uma jovem psicóloga chamada Carolina Martuscelli Bori. Carolina, uma psicóloga educacional, fora designada para ajudar no nosso ajustamento à Universidade de São Paulo. Ela jantou conosco no nosso hotel, naquela noite, e tentou me dizer o que eu teria que enfrentar no ano que estava começando.

Dona Carolina, como nós passamos a conhecê-la, colaborou em meus cursos na Universidade, os quais logo consolidamos em um curso com laboratório - uma introdução à teoria do reforçamento. Fez todos os experimentos do curso com nosso equipamento improvisado e se tornou uma discípula muito

respeitada. Ela também recomendou Maria Amélia Matos, outro membro da classe, para ser minha segunda assistente.

Em 1962, a professora Bori trabalhou com Gilmour Sherman, que nos substituiu na Universidade de São Paulo; e, em 1963, ela foi convidada a deixar São Paulo e ir para Brasília, tornando-se Chefe de um novo Departamento de Psicologia naquela Universidade. Em 1964, juntei-me ao seu grupo, ajudando a implantar o novo Departamento, de acordo com perspectivas sobre as quais havíamos concordado previamente. O Departamento foi instalado em 1964, mas fechado em 1965, devido a uma convulsão política na Universidade. Carolina retornou à Universidade de São Paulo (USP) onde vem se dedicando, nos últimos 20 anos, ao ensino e à pesquisa.

Carolina é hoje, provavelmente, uma das psicólogas mais conhecidas e respeitadas no Brasil. Étida, também, em alta estima por cientistas de um modo geral. Desde 1982, é vice-presidente e, desde 1986, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e representa aquela Sociedade na Inter-ciência. Fundou e é uma das editoras da revista **Psicologia**, publicada de 1975, dedicada à psicologia, em geral, e um dos principais periódicos para publicações dos analistas do comportamento. Atualmente Carolina também pertence ao Conselho Diretor da Associação Brasileira de Análise do Comportamento, recém organizada como sucessora da Associação de Modificação de Comportamento. Tem orientado muitas pesquisas tanto experimentais como aplicadas e tem sido o principal expoente de um sistema de ensino, o PSI, que ajudou a outros países da América Latina. Carolina não é apenas muito conhecida. Devido à sua posição na Universidade de São Paulo e ao papel que desempenha em várias organizações científicas e em agências financiadoras de pesquisa, ela também conhece muitas pessoas e muito sobre o que está acontecendo em Psicologia no Brasil. Ela é figura central e tem um papel de liderança no desenvolvimento da Psicologia e da análise comportamental no Brasil.

Retornando ao ano de 1961, na USP, havia lá vários outros participantes do meu curso, que contribuíram para o desenvolvimento da análise do comportamento no Brasil. Um deles era Maria Amélia Matos, que eu já mencionei. Maria Amélia e duas outras professoras (Dora S.R. Fix e Maria Ignez Rocha e Silva), vieram aos Estados Unidos, em 1962, para realizar estudos de pós-graduação. Maria Amélia obteve o seu doutorado na Columbia University, com Schoenfeld, em 1969. Desde então, tem ensinado, principalmente na USP, onde vem conduzindo e orientando pesquisa, tanto experimental como aplicada, nas áreas de controle aversivo e controle de estímulos. No momento, vem desenvolvendo um procedimento para a avaliação do ambiente de desenvolvimento infantil, como parte de um esforço mais amplo para relacionar o comportamento infantil às condições de vida das crianças.

Um outro participante daquele curso de 1961 é Margarida H. Windholz, que tem trabalhado principalmente com modificação de comportamento. Ela também obteve o seu doutorado em São Paulo e mantém-se vinculada à Universidade, de uma maneira ou de outra. Maggi colabora com uma escola para deficientes, que atende aproximadamente 65 alunos, com idades que variam de 2 a 25 anos e que apresentam uma ampla variedade de problemas orgânicos e outras dificuldades. Nessa escola, vários instrumentos de avaliação e programas curriculares tem sido desenvolvidos, permitindo uma análise refinada das deficiências e de progressos no desempenho. Uma característica bem definida da

instituição é o treinamento em serviço dos professores, muitos dos quais são estudantes na área de Análise do Comportamento. Maggi tem sido uma pioneira da análise aplicada do comportamento no Brasil e ainda é uma catalisadora de pesquisas na área.

Não posso deixar esse período inicial da Análise do Comportamento no Brasil, sem ao menos uma breve menção a várias outras pessoas que também desempenharam um papel. Maria Teresa Araújo e Silva esteve em Columbia enquanto Maria Amélia e Dora Fix estavam lá. Ela estudava então no Teachers College e estava bastante insatisfeita. Nós a "contrabandeamos" para o nosso laboratório introdutório e ela assistiu às aulas de um curso sobre Psicologia Operante; a partir de então, ela passou a dividir seu destino conosco. Depois de estudar com Neal Miller, na Rockefeller University, ela retornou a São Paulo como uma farmacóloga comportamental.

Maria Ignez Rocha e Silva, cuja filha (de mesmo nome) estava em meu curso, fez um trabalho com Charles B. Ferster, no Institute for Behavioral Research e na University of Maryland, que deve ser mencionado. Ela ajudou a desenvolver a nova técnica de Charles (uma variante do PSI) para o ensino de princípios do comportamento. Mais tarde, introduziu o curso e o método no Departamento de Física da USP, de onde ele se difundiu para outros lugares.

Nilce Mejias, professora na área de educação, na USP, e amiga de Maria Ignez Rocha e Silva, também merece um lugar neste grupo. Realizou trabalho pioneiro em modificação de comportamento em situação escolar e escreveu, em 1969, o primeiro livro sobre modificação de comportamento para ser usado, por professores, no Brasil.

Rachel Rodrigues Kerbauy estudou com Gilmour Sherman na Universidade de São Paulo, em 1962, e foi para Brasília em 1964. Era uma das monitoras no curso PSI de lá. Devolta a São Paulo, mais tarde, ela foi uma das primeiras, senão a primeira, a ensinar análise do comportamento em um curso introdutório com laboratório, usando pombos, na Sedes Sapientiae, agora parte da Pontifícia Universidade Católica. Rachel está atualmente na USP, trabalhando em modificação de comportamento, com especial interesse no problema de auto-controle.

Analistas do comportamento com nomes como os que eu mencionei aqui podem ser encontrados em muitas cidades e em muitas instituições no Brasil. São Paulo e Brasília talvez sejam os mais importantes centros de formação de novos doutores, mas há muitos outros lugares onde os analistas do comportamento estudam, ensinam, fazem pesquisa, trabalham em escolas, dão consultoria, ou se dedicam a atividades ou clínicas particulares. Refiro-me a pessoas em Belém, Belo Horizonte, Campinas, João Pessoa, Londrina, Mogi das Cruzes, Natal, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Salvador, Bauru, São Carlos, Curitiba, Florianópolis, Uberaba, Aracajú, Campo Grande, Corumbá, Goiânia, com nomes como Adélia, Aldair, Ana Maria, Deisy, Dircenea, Elenice, Lígia, Lúcia, Martha, Silvia, Tareia, Teresa, Vera...

É difícil para mim organizar esses nomes em uma ordem apropriada ou hierarquizá-los em importância, ao lado de outros dos quais eu não me lembro, neste momento. Talvez seja muito cedo para que isto possa ser feito. O tempo se encarregará de acertar esta questão, em termos das realizações de cada um. Creio que devo acrescentar, para finalizar esses comentários, que no Brasil também existem pessoas chamadas Antonio, César, Frederico, Hélio, Isaías,

João Cláudio, José Carlos, Júlio, Luiz Carlos, Luiz de Oliveira, Luiz Otávio, Mário, Nivaldo, Ricardo, Rodolfo, Sílvio. Todos eles terão que ser considerados em qualquer estudo mais aprofundado da história da Análise do Comportamento no Brasil.

Texto recebido em 10/03/88.